



MEMORIAL DA
RESISTÊNCIA
DE SÃO PAULO



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
Alberto Goldman

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

Secretária-Adjunta
Fernanda Falbo Bandeira de Mello

Chefe de Gabinete
Sergio Tiezzi

Coordenadora da Unidade de
Preservação do Patrimônio Museológico
Claudinéli Moreira Ramos

ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA Organização Social de Cultura

Diretor Executivo
Marcelo Mattos Araujo

Diretor Financeiro
Miguel Gutierrez

Memorial da Resistência de São Paulo

Coordenadora
Kátia Felipini Neves

Ação Educativa
Caroline Grassi Franco de Menezes
Marina de Araujo
Renan Ribeiro Beltrame

Exposição Buena Memoria

Curadoria
Diógenes Moura

Coordenação Geral
Kátia Felipini Neves

Ação Educativa
Caroline Grassi Franco de Menezes

Expografia, Produção e montagem
Núcleo de expografia e montagem da
Pinacoteca do Estado de São Paulo

Comunicação visual
ZOL Design

Designer gráfico
Claudio Filus

Foto dos alunos do Colégio Nacional de Buenos Aires, modificada com textos de Marcelo Brodsky. Buenos Aires 1996.



Marcelo Brodsky (Buenos Aires, 1954) tornou-se fotógrafo durante seu exílio em Barcelona, na década de 1980. Sua principal referência foi o fotógrafo catalão Manel Esclusa. Ao regressar à Argentina nos anos 1990, concebeu o ensaio fotográfico *Buena Memoria*, no qual combina fotografia, vídeo e texto. O ensaio se concentra nas consequências da ditadura militar sobre sua geração e na transmissão dessa experiência às novas gerações. O tema foi desenvolvido juntamente com outros dois livros: o ensaio fotográfico *Nexo* (2001) e a tese sobre arte e memória em *Memória e construção* (2005). Em 2007 começou a publicar suas correspondências visuais com diferentes artistas que propõem a possibilidade de comunicar-se exclusivamente com imagens. Em 2010 concluiu sua fotonovela *Once@9:53* em coautoria com Ilan Stavans.

Seus trabalhos têm sido exibidos em vários museus do mundo e fazem parte de diversas coleções públicas e privadas. Brodsky tem participado de projetos relacionados com a arte e a memória, em particular o *Parque de la Memoria* de Buenos Aires. Nesse contexto participou da Bienal de Valência (2007) com *Los condenados de la Tierra* e da Bienal de Tessalônica (2008). Em 2010 participa da 29ª Bienal Internacional de São Paulo com a obra *El Río de la Plata*.

Seu ensaio *Buena Memoria* encontra no Memorial da Resistência de São Paulo um lugar ideal para dialogar com a experiência histórica do Brasil, propondo alternativas de interação entre a criação visual, a pedagogia e a narrativa histórica, como também com a defesa dos direitos humanos.

Memorial da Resistência de São Paulo

Largo General Osório, 66 - Luz
01213-010 - São Paulo - SP
Fone 55 11 3335.4990
memorialdareistencia@pinacoteca.org.br
www.pinacoteca.org.br

entrada gratuita de terça-feira a domingo
das 10h às 17h30

Buena memoria

Um ensaio fotográfico de
Marcelo Brodsky

Al rio
los tiraron.
Se convirtió
en su tumba
inexistente.

Um lugar de ausência?

Diógenes Moura

Curador de fotografia
Pinacoteca do Estado de São Paulo

O fotógrafo Marcelo Brodsky construiu um ensaio fotográfico a partir de ausências tão próximas quanto ele mesmo, o desaparecimento do seu irmão Fernando, do seu amigo Martín, dos amigos dos seus amigos, dos que ele já tinha ouvido falar, dos que ele nunca ouviu falar e mesmo não conhecendo eram estão próximos de uma mesma dor, de uma fenda que se abriu na vida e nas famílias de cada um dos desaparecidos, dessa amargura de um adeus nunca revelado: *Boa Memória* é um documento sobre a ditadura militar na Argentina e em todas as outras partes do mundo onde o sistema político atçou (e ainda atça) as suas garras.

Com fotografias de família e retratos dos colegas de turma do Colégio Nacional de Buenos Aires o artista reescreveu uma identidade perdida a partir das imagens dos que estão vivos, para localizar, em algum lugar do passado, a sua própria história e, nesse caso, tratar sobre uma memória universal que não se perdeu e é definitiva para o hoje mundo “democrático” entender que não poderemos seguir adiante sem que todos esses nomes sejam repetidos, repetidos e repetidos como verdadeiramente o são no corpo vivo de *Boa Memória*. Assim, teremos o retrato de um tempo. É esse tempo que Brodsky perpetua acompanhado pelas suas próprias palavras e pelas palavras de amigos que sabem o que significam até hoje aqueles anos de assassinatos, desaparecimentos, silêncio, mudez e morte anunciada.

Trata-se também de uma exposição sobre a literatura dessa ausência. Sobre a forma verídica de um acontecimento. Chega ao Memorial da Resistência de São Paulo num momento importante, o bicentenário das lutas de resistência na América Latina. *Boa Memória* é, portanto, um livro aberto que poderá mudar a cada instante: Claudio, Martín, Fernando e todos os outros nomes desaparecidos vistos simbolicamente pelos alunos de hoje nas imagens da série Ponte da Memória. Refletidos nos rostos deles, *os outros*, nos mesmos, os que aqui ficamos para não esquecer, para nunca esquecer que o terrorismo foi assim: apagou de sua frente nomes e sobrenomes sem se importar com o trauma que apenas encontra sinônimo nos horrores da guerra.

Boa Memória reconstrói Marcelo Brodsky para si mesmo. Traz de volta (sim, sabemos que isso não é possível) o seu amigo Martín quando os dois queriam ser fotógrafos. Traz de volta seu irmão Fernando, numa foto feita por Sara, a mãe dos dois. Uma única fotografia do filho que não voltou, sentado num teatro vazio. Apenas (e tudo) isso. Não será jamais uma fotografia muda. Traz para diante de nós o retrato 3 x 4 de Claudio onde ele olha e pensa que os “fins justificam os meios”, e traz ele mesmo, Brodsky, num navio, ao lado de seu irmão sobre as águas marrons do rio da Prata (“permanecemos em um lugar desconhecido”) onde os corpos eram atirados e onde hoje, em Buenos Aires, está instalado o Parque da Memória. É lá, naquele espaço onde a emoção perde o nome, que justamente estão inscritos os nomes de quase todos os desaparecidos. Ao trazer para os nossos olhos a própria história de Marcelo Brodsky irmanada à história de muitas outras famílias, *Boa Memória* cruza o espaço da vida com o que a vida, a palavra, a memória e a fotografia têm de mais extraordinário: ir do ontem ao muito além.

O processo de trabalho

Marcelo Brodsky

Fotógrafo
Idealizador do projeto Buena memoria

Quando voltei à Argentina depois de muitos anos vivendo na Espanha, tinha acabado de completar quarenta anos e queria trabalhar com a minha identidade. A fotografia, com sua capacidade exata de congelar um ponto no tempo, foi minha ferramenta para fazê-lo.

Comecei a revisar minhas fotos familiares e as do Colégio, desde a juventude. Encontrei um retrato de nossa classe no primeiro colegial, tirada em 1967, e senti a necessidade de saber o que aconteceu na vida de cada um.

Decidi convocar uma reunião com meus colegas de classe do Colégio Nacional de Buenos Aires para nos reencontrarmos depois de 25 anos. Convidei os que consegui localizar para uma visita à minha casa e propus tirar uma foto de cada um. Ampliei a foto de 1967, a primeira em que estávamos todos juntos, para que servisse de fundo para os retratos, e pedi que cada um trouxesse para o retrato um elemento de sua vida atual.

Continuei tirando fotos dos colegas de classe que não vieram à reunião, mas como não era possível transportar a foto grande, eu levava sempre comigo pequenas cópias da imagem para incluir nesses retratos, que se realizaram em Buenos Aires, Madri, Robledo de Chavela (Espanha) e em Nova York.

Mais tarde, um ato foi organizado para recordar os colegas do Colégio que desapareceram ou foram assassinados pelo terrorismo de Estado durante os anos negros da ditadura. Depois de vinte anos, as autoridades do Colégio aceitaram pela primeira vez que lembrássemos oficialmente, no auditório, os que faltavam. Foi um fato histórico. Resolvi trabalhar com a foto grande que serviu de fundo para fotografar meus colegas de classe e escrever na imagem uma reflexão sobre a vida de cada um deles. Ela foi concluída posteriormente, com um texto mais extenso que acompanha os retratos.



Fernando Rubén Brodsky, meu irmão, sequestrado em 14 de agosto de 1979 e desaparecido desde então.



Fernando na ESMA. Foto obtida no Arquivo da Corte, Buenos Aires, 2005.



Praça de acesso à sala de exposição PAY5 - Presentes agora e sempre - do Parque de la Memoria. Projeto do arquiteto Alberto Varas, 2009.



Chegada ao monumento pelo Rio de la Plata, à tarde.

Fernando em nosso quarto

Essa foto de meu irmão foi uma das primeiras que tirei em minha vida, com uma câmera antiga que meu pai me deu. Seu rosto está fora de foco. Seu movimento, hoje já inexistente, o torna difuso para a lente. As fotos da parede, no entanto, suportam melhor a exposição prolongada. É a melhor foto que me restou dele da época em que vivíamos juntos. Ele ficou imóvel por um minuto.

A camiseta

A fotografia não tem fim. A imagem que eu tinha conseguido reconstruir – o retrato de meu irmão dos ombros para cima, tirado quando ele estava preso na ESMA – na verdade estava incompleta. Durante a visita que fiz com Víctor Basterra ao Tribunal nº 12, onde o caso da ESMA está sendo julgado, Víctor exigiu seu direito de ir até o arquivo para ver as provas que ele mesmo havia fornecido. O primeiro arquivo que vimos tinha apenas fotocópias. Pedimos os originais. Eles apareceram.

Ponte da Memória

Vídeo documental da primeira leitura pública dos nomes dos desaparecidos do Colégio Nacional de Buenos Aires, na Aula Magna do Colégio, em outubro de 1996, vinte anos após o Golpe Militar.

O caminho

Pensamos no parque como o caminho ideal para que um pai conte ao seu filho o que viveu durante a ditadura. Seria como o espaço para deixar uma flor ou para jogá-la no rio por um nome sem túmulo. Um espaço para contemplar a natureza de maneira diferente, pois a natureza está integrada ao projeto, abraçada pela arquitetura do memorial. Natureza, palavra, nome, rio, arte, narração, memória, terra, identidade, ausência, ferida, espaço, pedra, obra, água, sociedade, cidade, marca, território, forma, grito, céu. (...) O Parque de la Memoria é capaz de sintetizar em um caminho milhares de palavras que foram caladas à força e que recuperam aqui sua voz com vigor.